



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 7

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



O processo de criação da rede de guardiões e guardiãs de sementes de Aldeia Velha, Silva Jardim, RJ

The process of creating the network of guardians and guardians Of seeds of Aldeia Velha, Silva Jardim, RJ

MAYA, Tadzia de Oliva; SOARES, Taina Mie Seto

Escola da Mata Atlântica, tadziamaya@gmail.com, tainamie@gmail.com

Tema gerador: Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo

Este relato pretende apresentar a experiência da criação da rede de guardiões e guardiãs de sementes da Bacia do Rio Aldeia Velha, localizada no distrito de Aldeia Velha, interior do estado do Rio de Janeiro, na cidade de Silva Jardim. Tendo como pano de fundo uma região marcada pela pecuária de corte, a falta de assistência técnica e a perda da soberania alimentar, o projeto implementado nos anos de 2015 e 2016 teve como objetivo principal identificar, reconhecer e valorizar os guardiões e guardiãs de sementes crioulas na região, apresentando a perspectiva agroecológica para estes temas. Nesse processo identificamos alguns pontos que acreditamos serem passíveis de replicação, com destaque para o pagamento de bolsas de pesquisa para os próprios agricultores e agricultoras e a realização de parcerias entre a Articulação de Agroecologia Serramar, coletivos autônomos e as redes de sementes nacionais e internacionais. A aproximação dos guardiões entre si e seu reconhecimento mútuo foram um dos principais Resultados do processo.

Palavras-chave: transição agroecológica; sementes crioulas; sociobiodiversidade; diálogo de saberes

Abstract:

This report intends to present the experience of the creation of the network of guardians of seeds of the Aldeia Velha River Basin, located in the district of Aldeia Velha, Rio de Janeiro, in the city of Silva Jardim. Against the background of a region marked by cattle ranching, lack of technical assistance and loss of food sovereignty, the project implemented in the years 2015 and 2016 had the main objective of identifying, recognizing and valuing the guardians of creole seeds in the region, presenting the agroecological perspective for these themes. In this process, we identified some points that we believe may be replicable, with emphasis on the payment of research grants to the farmers themselves and the realization of partnerships between the Articulação de Agroecologia Serramar, autonomous collectives and national and international seed networks. The approach of the guardians among themselves and their mutual recognition were one of the main results of the process.

Keywords: Agroecological transition; Creole seeds; Sociobiodiversity; Dialogue of knowledge

Contexto

A experiência da criação da rede de guardiões e guardiãs de sementes da Bacia do Rio Aldeia Velha contribui para o Tema gerador na medida que representa um caso de resiliência, que buscou recursos para lutar de forma objetiva contra o processo de



erosão genética e desvalorização das sementes crioulas, colocando famílias guardiãs de semente em contato para intercâmbio de conhecimentos e de sementes. Outra contribuição é demonstrar como funcionou um projeto onde os agricultores e agricultoras também foram vistos como pesquisadores e por isso ganhavam uma bolsa mensal pela sua função de guardião de sementes, à medida que na maioria dos projetos os agricultores são convocados a participarem de reuniões, receberem visitas em suas propriedades, responderem questionários, entre outras tarefas, mas somente quem ganha alguma remuneração é o técnico ou pesquisador. Localizada no interior do Rio de Janeiro, na cidade de Silva Jardim, região das Baixadas Litorâneas, mais especificamente no distrito de Aldeia Velha, a experiência foi motivada pela erosão genética da região, onde já são relatadas a ‘perda’ ou desaparecimento de diversas variedades de sementes crioulas, pela insatisfação dos agricultores com as sementes híbridas disponíveis no mercado, pela desvalorização da agricultura familiar e a concentração de terras para a pecuária de corte. Assim, os objetivos principais foram identificar e valorizar as famílias guardiãs de sementes antigas, colocando-as em contato umas com as outras e multiplicando este Material genético, além de debater com os agricultores e agricultoras a transição agroecológica, despertando seu interesse para o tema, por meio de debates, filmes, cartazes etc. Apesar de ser uma experiência que veio se desenvolvendo há muitos anos, desde 2009, vamos fazer um recorte de outubro de 2015 a março de 2016, quando os recursos específicos do projeto enviado para a FASE/ASPTA para a rede de guardiões e guardiãs foi utilizado.

Descrição da experiência

A organização proponente do projeto foi a Escola da Mata Atlântica, coletivo de agroecologia e cultura livre, formado em 2006 por jovens universitários em processo de êxodo urbano (MAYA, Tadzia de Oliva em A Escola da Mata Atlântica: agroecologia e cultura livre na Casa das Sementes Livres, Aldeia Velha, Silva Jardim, RJ, 2013,). Entre as realizações do grupo esteve a criação da Casa das Sementes Livres, um pequeno espaço de pau a pique construído em 2009 anexo à escola pública local, dentro do mesmo terreno e que tinha como objetivo disponibilizar sementes crioulas para a população local, facilitar o intercâmbio deste Material genético e fomentar o desenvolvimento da agroecologia na região. A Escola da Mata Atlântica sempre esteve ligada à Articulação de Agroecologia Serramar, que por sua vez faz parte da Articulação Estadual de Agroecologia. A história da Casa de Sementes Livres é conectada à Rede dos Pontos de Cultura, pois foi por meio de editais da área da cultura que foram realizados os principais empreendimentos do grupo tais como feiras, oficinas, vivências, aulas de



agroecologia para os alunos da escola pública local, entre outras atividades. Em 2015, porém, uma das autoras deste relato redigiu e apresentou o projeto “Casa de Sementes Livres: dinamizando as variedades locais” para o Fundo Saap da FASE/ASPTA e conseguiu aprovar R\$7 mil reais para 6 meses de trabalho, onde três guardiões e duas guardiãs recebiam R\$200 mensais e a coordenadora do projeto recebia o mesmo valor como uma ajuda de custo para animação do processo. O restante era usado para gasolina para a visita às propriedades e materiais para a própria Casa das Sementes Livres, como embaladora à vácuo e materiais para secagem de sementes.

A Metodologia utilizada foi a mesma utilizada nos processos educacionais da Casa das Sementes Livres, que é o diálogo de saberes, baseada na Educação Popular. O objetivo seria despertar o que as pessoas já sabem, evidenciando que todos estão no mesmo espaço-tempo lidando com a mesma realidade que atinge a todos. De acordo com Boaventura Sousa Santos, este conceito trata da necessidade de compreendermos todas as práticas e os agentes de ambos os “lados da linha” como contemporâneos em termos igualitários, respeitando saberes científicos e populares. Já a Educação popular é o horizonte de trabalho do grupo, fundamentada no referencial teórico-metodológico freiriano, com vistas à transformação social por meio do protagonismo dos sujeitos e valorização de seus saberes prévios (FREIRE 1987). Assim, nas reuniões mensais, que foram uma das bases do processo, os agricultores e agricultoras tinham bastante tempo livre para conversar sobre suas lavouras, seus rendimentos e suas necessidades. Paralelamente, a função da coordenadora do projeto era animar um debate sobre a transição agroecológica e apresentar experiências de adubação verde, alelopatia e consórcio de espécies. Outro objetivo era conseguir recolher mais informações sobre as sementes crioulas que eram guardadas por estas famílias, a saber: feijão preto (família Rimes), milho branco da serra (família Ballonecker), milho cateto amarelo (família Shumacker), batatinha amarela (família Mozer) e Taioba (Dona Cenira).

Essas informações serão disponibilizadas como um catálogo de sementes regional para ser continuamente ampliado e melhorado. Também está em preparação um certificado de “guardião” ou “guardiã” para ser doado a cada um dos participantes, seguindo o modelo usado pela Rede de Sementes da Paixão do semiárido do Brasil (Fonte: Sementes da Paixão, estratégia comunitária de conservação de variedades locais no semi-árido disponível em <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2016/09/Semente-da-Paix%C3%A3o.pdf>)



Figura 1: Encontro de guardiões e guardiãs de sementes da Bacia do Rio Aldeia Velha, Casa das Sementes Livres, Aldeia Velha, Silva Jardim (RJ), outubro de 2015



Figura 2: Vista frontal da Escola Municipalizada Vila Silva Jardim (Silva Jardim, RJ), onde está localizada a Casa das Sementes Livres

Análise

Analizamos que a realização deste projeto foi muito importante para dar os primeiros passos na criação da rede de guardiões e guardiãs de sementes crioulas de Aldeia Velha pois permitiu mais do tudo o encontro entre estes personagens, seu reconhecimento mútuo, o aumento da sua auto estima e valorização da sua identidade. Nas reuniões mensais havia muito intercâmbio de conhecimento e as pessoas puderam se reconhecer como guardiões de sementes crioulas, pois é certo que sabiam que guardavam sementes e isso era um ato fundamental para a multiplicação de suas lavouras e manutenção da sua soberania alimentar, mas não havia o total entendimento da importância deste trabalho, da urgência do resgate e multiplicação deste Material genético e nem mesmo de que haviam outras redes se formando em outros locais com o mesmo intuito. Houve, pois, um aprofundamento das questões globais, incluindo aí os



transgênicos e outros temas que não são muito presentes no dia a dia dos agricultores familiares convencionais. Pudemos perceber, então, que há interesse nestes assuntos e muita necessidade de assistência técnica no campo, pois eles reclamavam que “este tipo de informação” não chegava para eles ou que “não sabiam fazer diferente”, em relação à agrotóxicos ou monocultivos, por exemplo.

Também analisamos que o pagamento das bolsas para os agricultores e agricultoras foi fundamental para o sucesso do projeto. Nós, técnicos e pesquisadores, já estamos acostumados a receber pelo trabalho de investigação e consideramos comum os agricultores serem somente objeto de pesquisa e por mais que as intenções sejam as melhores possíveis e incluam valores como solidariedade, cooperação e respeito, acreditamos que é prioritário incluir o pagamento de bolsas para os integrantes das propriedades de agricultura familiar. É necessário olhar para este agricultor e esta agricultora como um pesquisador, um investigador, alguém que está investindo seu tempo na realização de um produto. Percebemos que muitas vezes os agricultores não participam dos projetos com entusiasmo, pois sabem que ali as pessoas estão sendo remuneradas, mas eles mesmo não estão, pelo contrário, estão deixando suas roças, seus animais, deixando de produzir no tempo que vão à reuniões, eventos, oficinas e encontros. Certamente, todas estas atividades também têm seu valor e serão revertidas futuramente em melhorias para a propriedade deles, mas como disse o grande mestre Betinho “quem tem fome, tem pressa” e é necessário buscar recursos diretos para os agricultores e não só “passagem, alimentação, hospedagem”, como geralmente é feito. Isso é também uma questão de mudança epistemológica, de valorização dos sujeitos e entendimento dos agricultores como produtores de conhecimento de fato e não somente na teoria.

Por fim, a relação do coletivo proponente e coordenador do projeto, a Escola da Mata Atlântica, com a Articulação de Agroecologia Serramar e com a Rede Internacional de Sementes da Liberdade foram muito relevantes para aportar mais conhecimento técnico científico à experiência, bem como trazer relatos de outros grupos de guardiões ou ainda compartilhar desafios e anseios com outras redes. A participação em redes é muito importante dentro da Agroecologia como movimento social pois nos permite o pensamento e a ação coletivas com mais incidência política.

Como Resultados podemos citar o aprofundamento de relacionamento entre os próprios guardiões e guardiãs, que muitas vezes não frequentam os mesmos espaços sociais, como igrejas, clubes ou comércio e acabam se comunicando pouco, na ausência de sindicatos e organizações voltadas à agricultura familiar, a realização do projeto se mostrou eficaz em colocar estes atores em contato e eles responderam com muito



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 7

Conservação e Manejo da Sociobiodiversidade e Direitos dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais



entusiasmo à troca de sementes, mudas e plantas entre si. Ao mesmo tempo, foi costurado um elo importante entre a coordenação do projeto e as famílias, que já realizaram feiras depois em conjunto, venda de sementes e a participação em um programa do “Como Será” da Rede Globo em fevereiro de 2017 disponível em <http://g1.globo.com/como-sera/noticia/2017/04/01-04-embrapa-cria-banco-de-sementes-no-rj.html>. A participação neste programa foi também fruto do diálogo do coletivo com a Fazendinha Agroecológica da Embrapa em Seropédica, no Rio de Janeiro, que vem se aprofundando e pretende, entre outras coisas, contribuir para a realização de um encontro estadual de guardiões e guardiãs de sementes.

Bibliografia

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 27^a ed. RJ, Paz e Terra, 1987

_____. Pedagogia da Autonomia. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997 digitalizado em 2002 pelo coletivo Sabotagem, disponível em http://www.unisul.br/wps/wcm/connect/993d7833-2da2-4257-ba34-84ca55c9d19b/materiais-apoio_pedagogia-da-autonomia_integracao-universitaria_tb.pdf?MOD=AJPERES. Acesso em 17 de junho de 2017

MAYA, Tadzia de Oliva A Escola da Mata Atlântica: agroecologia e cultura livre na Casa das

Sementes Livres, Aldeia Velha, Silva Jardim, RJ, 2013

SANTOS, Boaventura de Sousa Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma Ecologia dos saberes, revista Novos Estudos, dezembro 2007